

## **GRAFITAGEM NO ESPAÇO URBANO: FORMAS DE EXPRESSÃO NA PAISAGEM URBANA**

**ROSA, Mateus Silva da**<sup>1</sup>

**GLUSZEVICZ, Ana Cristina**<sup>2</sup>

**BURGOS, Rosalina**<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Acadêmico do curso de Ciências Sociais- Instituto de Sociologia e Política/ UFPel  
mateus\_silvaa@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Acadêmica do curso de licenciatura em Geografia - Instituto de Ciências Humanas/ UFPel  
anacristina.geografia@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR  
rburgos@ufscar.br*

*“Grafite: grande canal de comunicação, sem conexão com fibra ótica ou cabo elétrico,  
mas conectado diretamente com a cidade, com o público, com o aqui e agora”*  
Celia Maria Antonacci Ramos

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho aborda a grafiteagem compreendida como movimento artístico e cultural no meio urbano. Em específico, analisa sua manifestação no espaço urbano de Pelotas, cidade que possui vários registros dessa forma de expressão em sua paisagem, devido à estrutura que a compõe. Ou seja, nela se encontram prédios e demais estabelecimentos antigos, muitas vezes em estado de abandono. Neste contexto, a grafiteagem consiste em uma manifestação que externaliza sentimentos e protestos sociais relacionados ao contexto social no qual os grafiteiros estão inseridos.

### **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Este estudo orientou-se por alguns procedimentos metodológicos, dos quais destacamos:

- 1) Revisão bibliográfica sobre o tema da grafiteagem e temas correlatos: como aporte metodológico realizou-se revisão bibliográfica, procurando resgatar a origem histórica da grafiteagem, relacionando o tema estudado com as expressões encontradas em Pelotas e como estas se formam. Também se buscou diferenciar o universo teórico-conceitual e prático da grafiteagem e da pichação.
- 2) Trabalho de campo: as saídas de campo em Pelotas visaram a localização, identificação e registro da grafiteagem por meio de fotografias e tiveram destaque no meio urbano, em espaços públicos destinados a esse fim, ou até mesmo em estabelecimentos privados ou comerciais que utilizam esta arte como propaganda estilizada.
- 3) Entrevistas com grafiteiros: através do acompanhamento de trabalho de grafiteiros entrevistados, identificamos diversos trabalhos que embelezam e transmitem a realidade social, de forma autorizada pelos contratantes dos grafiteiros.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o objetivo central deste trabalho, analisamos as formas de expressão impressas na grafiteagem, as quais retratam os sentimentos e protestos de grupos sociais, culturais e artísticos, de modo a embelezar o espaço urbano com técnica, formas e criatividade.

A definição mais popular aborda o grafite como um tipo de inscrição feita em paredes, dessa maneira temos relatos e vestígios presente desde o Império Romano. Seu aparecimento na idade contemporânea se deu na década de 1970, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, quando jovens deixavam suas marcas nas paredes da cidade. Com o passar do tempo, essas marcas evoluíram com técnicas e desenhos estilizados.

A grafiteagem constitui-se numa arte, expressa de forma livre, realizada no espaço urbano. Teve origem decorrente de manifestações políticas estudantis, tornando-se um tema para discussões até os dias atuais, pois muitas polêmicas giram em torno desse movimento artístico. Embora o grafite seja desempenhado com qualidade artística, há expressões que não passam de poluição visual e vandalismo, caracterizadas pela pichação, realizado em locais indevidos, de forma perigosa, desfigurando monumentos ou prédios históricos que necessitam de conservação como patrimônios públicos. Ou seja, cabe aqui ressaltar a distinção entre a arte da grafiteagem, tema deste trabalho, e a pichação. Essa comparação entre grafiteagem e pichação é distinguida em entrevista realizada pela Revista *Le Monde Diplomatique Brasil*, com o fotógrafo João Wainer, que trabalha com esses registros:

*“Le Monde: Por que vocês afirmam que ‘pixo’ não é grafite? O grafite nasceu em Nova York, nos anos 1970 com o Wild Style, que é aquela letra gordinha, colorida, traçada. E daí foi para o mundo inteiro. O pixo, porém, se desenvolveu completamente separado, sem informação nenhuma sobre aquele movimento que vinha dos Estados Unidos. Sua história em São Paulo é totalmente diferente daquela do grafite. Basta ver o formato das letras que é reto e anguloso com uma cor só.”*

No grafite, os trabalhos são feitos para que as pessoas olhem, reflitam e até interfiram. Sendo únicos, transmitem mensagens políticas, ecológicas, divertidas e protestos. Apesar de ainda ser visto como uma ousadia ao ser questionado por ambientalistas, devido ao material utilizado para a prática, o que causaria danos ao ambiente (por conta do gás contido no *spray*, utilizado na arte grafite), é defendida por artistas em várias partes do mundo, uma vez que essa arte encontra-se presente no cenário mundial. Para alguns adeptos, é uma arte que exprime sentimento profundo pelo mundo, pela vida. Um modo de sentir que se traduz pelo grafite, recriando a realidade e transformando-a em verdades de forma ilusória, poética, cômica, impactante, tendo o grafiteiro o poder de moldar a vida segundo suas convicções, ideais e vivência.

Ao mencionarmos a arte ilustrativa do grafite, os brasileiros, por sua vez, não se contentaram com o grafite norte-americano, então começaram a incrementar a arte com um toque brasileiro: resulta que o estilo do grafite brasileiro é reconhecido entre os melhores de todo o mundo. Reportamo-nos ao famoso grafiteiro Juneca, conhecido por se expressar politicamente e por ter sido perseguido pelo político Jânio Quadros, devido às suas manifestações de revolta política expressas por seu trabalho de rua. Essa possibilidade de recriar a

realidade, potencializando uma maneira particular de ler o mundo – ou mesmo dando corpo a outra verdade – é que levou o grafite a ser mais aceito. Por fim, o grafite tornou-se inclusive uma profissão, uma forma de trabalho contratada por escolas, proprietários que visam dar vida e cor aos muros residenciais privados, praças e pistas de skate. Temos o exemplo em Pelotas, em que a Prefeitura contratou o trabalho de grafite para embelezar com estilo a Praça Dom Antônio Zattera. Eventos, exposições artísticas, entre outros trabalhos demonstram o prestígio e reconhecimento que o grafite vem obtendo, seja profissionalmente ou como forma pura e inofensiva de extravasar criatividade com vida e cor (fig.1).

Figura 1



Obra dos grafiteiros entrevistados, em exposição artística realizada no prédio da Cotada (UFPEL).

Fonte: acervo do autor. Data 06/2010.

O grafite é um movimento organizado e que se consolida nas artes plásticas. Porém, o grafite ainda tem sido comparado, por boa parte da sociedade, com a pichação e encarado de forma “pré-conceituosa”. Segundo entrevista com grafiteiros pelotenses: “Muito grafiteiro de hoje já foi pichador”. O que comprova o espaço que a arte tem adquirido. Embora reprimido até hoje em todo o mundo, o número de adeptos é crescente, passando de simples assinaturas para o grafite de figuras, manifestações de opressões por frases e impressões marcantes, dentre variadas formas ousadas e criativas. O grafite, que é a evolução da pichação, conquista sua cidadania. Através desta linguagem a paisagem urbana vai mudando de fisionomia, influenciando inclusive no comportamento social. Cores e concreto traduzem a vida de seus habitantes.

#### 4 CONCLUSÕES

O grafite foi por muito tempo visto como um assunto irrelevante ou mera contravenção. Atualmente o grafite já é considerado como forma de expressão incluída no âmbito das artes visuais, mais especificamente, da *street art* ou arte urbana - em que o artista aproveita os espaços públicos, criando uma linguagem intencional para interferir na cidade. Entretanto, ainda há quem não concorde,

equiparando o valor artístico do grafite ao da pichação, que é bem mais controverso.

A principal distinção entre os grafiteiros é a maneira de se expressar, a matéria-prima com que trabalham, sendo importante entender o que se passa na mente de cada artista, o que querem exprimir. O grafiteiro ensina que não se faz grafite apenas sobre acontecimentos, resgatando algo ou idealizando. Também não se faz só com sentimentos. É preciso pensar o grafite, refletir sobre o que quer expressar, suas faces secretas e neutras. Pensar em subjetividade, quando a mensagem não for objetiva. É essa uma das razões pela qual o grafite é considerado arte.

Nem sempre podemos pensar os grafites como ações dos que se sentem excluídos da cidade. As razões e os emissores foram e são diversos, como demonstram as frases, ações e imagens grafitadas. Muitos grafiteiros são artistas, estudam a arte e agem cientes do que e para quem estão produzindo seus recados. Como no caso de Pelotas, onde os grafiteiros remodelam a cidade e devolvem a ela um caráter de comunicação compartilhada, de novos significados, tensões e mudanças, fazendo com que seu trabalho transforme os espaços da cidade em espaços de opinião, de investigação, de diálogo e, principalmente, da Arte. De acordo com Celia Maria Antonacci Ramos (1994, p.8):

“Ao articularem a informação dominante com a comunicação e a opinião dos agentes urbanos, os grafites estabelecem a democratização, a horizontalidade das relações políticas de ocupação e dominação vertical das políticas urbanistas programadas.”

Ainda mais, se os grafiteiros devem ser pensados em suas particularidades, também devem ser vistos em suas generalidades, especialmente se pensarmos essa manifestação na geração hip hop, que hoje afronta o mundo não mais em fronteiras nacionais, mas nas novas geografias. Manifestação em “campo expandido”, esses usuários da liberdade, com suas performances ou atitudes encaram o mundo e produzem uma linguagem de conquista do presente.

Os grafiteiros recuperam a cidade, assim como a criticidade da sociedade, os anseios do corpo, usando do *spray* e dos muros como meios de comunicação, como lugar da cultura. Mas da cultura não só dos dominantes, mas do povo, dos que nela vivem e trabalham. Neste sentido, percebemos que os grafites do passado não são os de hoje, e os do presente, não serão os de amanhã. Pois há uma contínua evolução tanto da informação, da expressão, da arte, da sociedade em si. O grafite tem seu sentido no atual e no local. No espaço urbano e em sua paisagem.

## 5 REFERÊNCIAS

- RAMOS, Celia Maria Antonacci. *Grafite Pichação & Cia*. São Paulo: Annablume, 1994.  
 WAINER, João. Pichação, a marca da desigualdade. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ano 3. Número 29. Posigraf Gráfica e Editora S/A: Curitiba, PR. Dezembro, 2009. p. 36-37.  
 WAINER, João e Daniel Medeiros, orgs. *ttsss...a grande arte de paixão de São Paulo*. São Paulo. Bispo, s/d.

### Sites:

- Eliene Percília < [www.brasilecola.com](http://www.brasilecola.com) > acessado em 01/07/2010.  
 <<http://www.artigossobre.com/arte/origem-do-grafite-e-da-grafitagem-no-mundo.html> >  
 acessado em 22/06/2010.

